





EDITORIAL

DINÂMICAS CONTEMPORÂNEAS: ENCONTROS E CONFRONTOS DE E NAS CULTURAS

[10.29073/naus.v3i2.884](https://doi.org/10.29073/naus.v3i2.884)

Luísa Paolinelli , Universidade da Madeira, Portugal, marinho@staff.uma.pt.

Vanda de Sousa , ESCS-IPL, Portugal, vsousa@escs.ipl.pt.

Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

Isabel Lousada , NOVA FCSH, Portugal, isabel.lousada@fcsb.unl.pt.

“Chegou [...] o momento de não cair mais na armadilha intelectual de reificar a temporalidade e, em vez disso, deve pensar-se a cultura como dado móvel, um processo no qual impulsos sempre novos, interconexões, escolhas estratégicas, etc., se colocam de forma variada na contingência histórica, causando justamente novas ordens de valores e também conflitos. Isto não significa [...] abolir o passado, mas sim colocá-lo numa tensão sempre renovada com o presente, na consciência do que a dimensão temporal, nas suas valências e realidades múltiplas, implica efetivamente.”

Marcheschi (2004)

A conceção de cultura como lugar tensional — de encontro, mas também de confronto — entre impulsos do passado e do presente, de escolhas ditadas pelas diversas conjunturas sociais, históricas e políticas, num processo sempre dinâmico de resposta à contemporaneidade, por isso, atuante, liga os vários textos que constituem este número. Do repensar das ligações entre o jornalismo literário e a prática da escrita romanesca de Eça de Queiroz e do véu de silêncio e invisibilidade imposto às dramaturgas de oitocentos, numa hierarquização da produção cultural e literária baseada no género, até à cultura horizontal do século XXI, representada pela análise da condição do género no *fanfic*, nas culturas DIY e nos ativismos digitais, as autoras e os autores dialogam com novas ordens de valores, iluminando caminhos diferentes.

O que une o século XIX ao XXI é a sempre maior participação dos escritores, baseada em formas de envolvimento cada vez mais sofisticadas, nas práticas e construção de conhecimentos coletivos, num empenho com a interpretação, a decifração e análise do paradigma geral que caracteriza um dado momento. A cultura deixa de ser uma herança pré-estabelecida a ser transmitida ou dominada através do indivíduo de forma passiva para ser um dado móvel, produto de escolhas, por isso, dinâmica. Torna-se, assim, parte envolvida na comunidade e nos processos que determinam as suas práticas e representações.

Se o autor de *Os Maias* exigia da escrita jornalística e da romanesca o mesmo rigor e responsabilidade ética no sentido de uma intervenção necessária na sociedade da época, a mesma atitude caracteriza o ensaio que se debruça sobre a sua prática e também os artigos que, de oitocentos até ao século XXI, questionam o lugar ainda hoje secundário e subalterno da mulher e da comunidade LGBTQI+, alertando para a necessidade de uma revisão de posições. Desta forma, literatura e crítica unem-se na consciência temporal e numa perspetiva atuante.

Formas, pensamento e diferentes perceções do mundo são entendidos nestes textos como parte do nosso universo atual de sensibilidades variadas, não raras vezes muito diferentes umas das outras. De maneiras próprias e específicas, discutem e interpelam, assim, a nossa contemporaneidade, realçando os elementos potencialmente constitutivos do desconforto do nosso tempo. Colocando no mesmo número o século XIX e o XXI, ultrapassa-se a armadilha do “hoje” e “atual” — para a qual nos adverte Marc Augé, quando assinala a experiência do estreitamente



do espaço e da perda do sentido da profundidade histórica — e propõe-se, num diálogo entre passado e presente, uma reflexão sobre papéis, valores, representações, linguagem, numa vontade de imaginar “além”, de ampliar a nossa língua, como propunha Walter Benjamin, e de intervir no mundo.

Foi precisamente a intervenção, alicerçada na análise crítica, que guiou Eça de Queiroz dos textos publicados no *Distrito de Évora* ao “Suplemento Literário” da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, numa sempre maior consciência da ligação entre as suas crónicas e o projeto romanesco. “**O Jornalismo de Eça em Perspectiva: das Crônicas Iniciais ao Ensaísmo no ‘Suplemento Literário’ da Gazeta De Notícias, do Rio De Janeiro**” dá conta das alterações da visão queirosiana através do estudo da contribuição do escritor para a imprensa ao longo do tempo.

Em “**A Exclusão da Mulher na Dramaturgia do Século XIX: as Imagens do Feminino e o Silenciamento das Dramaturgas**”, é salientado o facto de que a literatura dita canónica empurrou durante séculos para as margens e para o silêncio a produção feminina, analisando-se, no sentido de uma melhor compreensão desta conjuntura, a representação de género em textos dramáticos canónicos. O eixo de análise liga as representações femininas do século XIX ao XXI, num revelar de estereótipos que ainda hoje se abatem sobre as mulheres.

Trata justamente da imagem feminina no século XXI o artigo “**Right Place, Right Time: Análise Semiótica de uma Fanfic**”: a partir do fanfic de Amanda Maloste (2018), o trabalho procura aprender as regularidades relativas ao género através das categorias da semiótica discursiva, mais especificamente as relativas à sintaxe narrativa e à enunciação. Também “**Culturas DIY, Feminismos e Ativismos Digitais**” coloca em destaque a invisibilidade das mulheres artistas nas sociedades contemporâneas através do estudo das estratégias dos processos de (re)construção identitária, resistência e mudança social consubstanciados no exercício de práticas artísticas — de perfil ativista — por parte de mulheres e atores LGBTQI+ em práticas DIY e do ativismo digital.

As propostas das resenhas a ***O Pássaro do Silêncio (2021)***, de Bernardette Capelo, e de ***Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares (2023)***, de Alexina de Magalhães Pinto, trazem-nos duas vozes que, de diferentes formas, dão voz ao universo feminino e à sua intervenção na cultura e na literatura, num repensamento de tradições e resposta ao viver fragmentado da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

Marcheschi, D. (2004). *Prismas e Poliedros — Escritos de Crítica e Antropologia das Artes* (L. M. Antunes e F. Figueiredo, Trad.). Atlântida Editores, p. 74.

DECLARAÇÃO ÉTICA



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.